



GT – 22: Urbanização e cidades na era da digitalização: desigualdades e resistência

OS USOS DO TERRITÓRIO BRASILEIRO PELAS IGREJAS EVANGÉLICAS NA ERA DA DIGITALIZAÇÃO

Autor(01): Pamela Casanova Kimmemgs

Filiação institucional: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

E-mail: pamelacasanovakimmemgs@gmail.com

Autor(02): Alan Reis

Filiação institucional: Universidade Federal Fluminense

E-mail: alanreis@id.uff.br

RESUMO

O Brasil tem passado por transformações religiosas significativas nas últimas três décadas, destacando a ascensão das igrejas evangélicas e suas implicações nos usos do território brasileiro. Buscamos neste artigo compreender os nexos da expansão pentecostal a partir da digitalização neoliberal do espaço urbano, em um contexto de neoliberalização generalizada. Nesse sentido, questionamos: como as igrejas evangélicas inserem-se e se apropriam dos instrumentos da digitalização (meio técnico-científico-informacional) para se expandirem? A análise revela que as igrejas utilizam a digitalização neoliberal do espaço urbano, com destaque para a plataforma inChurch, para expandir sua presença e influência. Isso indica que essas instituições religiosas moldam as dinâmicas territoriais e a reconfiguração de práticas sociais e econômicas, corroborando para a globalização perversa.

Palavras-chave: Meio técnico-científico-informacional; Neoliberalismo; Hipermodernização perversa.

1. INTRODUÇÃO

No decorrer das últimas três décadas, o Brasil vivenciou transformações profundas com a significativa mudança de sua confessionalidade. Se antes, o território era majoritariamente católico, no século XXI já não é possível afirmar esta hegemonia, visto que a expansão das igrejas evangélicas e o acelerado crescimento de seus adeptos ocasionaram grandes metamorfoses no uso do território brasileiro. São especialmente as igrejas pentecostais, em sua maioria urbanas e populares, que mais crescem, principalmente conforme o grau de tecnificação do país.

O movimento pentecostal, com suas estratégias proselitistas, intensificou-se a partir da década de 1980, em consonância com o processo de neoliberalização do território brasileiro. Além do âmbito espiritual, as igrejas pentecostais permeiam diversas esferas da sociedade, materializadas em ações concretas no espaço geográfico. Observa-se, então, uma crescente relevância dessas igrejas na dinâmica territorial, evidenciando a análise crítica deste fenômeno.

Desta forma, esse artigo busca compreender os nexos entre a expansão pentecostal e o processo de digitalização do território brasileiro, em um contexto de neoliberalização generalizada. Com a consolidação do processo de urbanização, o fenômeno pentecostal apresenta traços dessa sociedade urbana (Lefebvre, 2002) atravessada pelas variáveis-chave do período. Este caracterizado por ser técnico-científico e informacional (Santos, 2020).

Considera-se o período técnico-científico-informacional – a globalização sob a égide do mercado, pois “quanto mais ‘tecnicamente’ contemporâneos são os objetos, mais eles se subordinam às lógicas globais” (Santos, 2005, p. 147). A difusão da informação e de novas formas de consumo, ambos mediados pela tecnosfera e psicosfera (Santos, 1997), estabelecem condições essenciais para a difusão de novas religiosidades. Dessa forma, afirmamos que a disseminação do meio técnico-científico-informacional no território brasileiro alterou o cenário religioso, fazendo surgir novas manifestações da religiosidade que compõem um competitivo mercado. Ao mesmo tempo, essas religiosidades têm implicado na própria *formação socioespacial* (Santos, 1977) brasileira. Podemos verificar essa dinâmica no poder de influenciar leis, orçamentos e políticas públicas pelas igrejas evangélicas, sendo dos instrumentos desse poder o domínio das redes e ferramentas comunicacionais.

Sendo assim, o presente artigo analisa a utilização de ferramentas de tecnologia pelas das igrejas evangélicas, como a plataforma inChurch, para expansão e controle do território.

Essa plataforma permite que cada instituição religiosa tenha seu próprio aplicativo personalizado, oferecendo cultos online, leitura da Bíblia e estudos teológicos. Outro aspecto importante a ser destacado é a gestão das contribuições financeiras, pois os aplicativos visam facilitar o pagamento do dízimo e ofertas¹. Por fim, essas plataformas têm como objetivo encontrar igrejas próximas aos seus usuários, fornecendo horários de cultos, eventos e outras atividades litúrgicas. A finalidade do uso desses *softwares* por essas instituições religiosas é expandir sua presença de forma virtual, utilizando a tecnologia para criar um ambiente de fé mais acessível e interativo.

Diante disso, é possível falar sobre a hipermodernização perversa do território (Silva, 2022), a digitalização e a difusão da Teologia da Prosperidade associadas à racionalidade neoliberal. O neoliberalismo, para além de ser um conjunto de políticas econômicas, é entendido como a racionalidade do estágio atual do capitalismo, promovendo a concorrência como norma de conduta e a empresa como modelo de subjetivação (Dardot e Laval, 2016).

Portanto, podemos pensar que a expansão das igrejas evangélicas acompanha a hipermodernização do território, aprofundando as desigualdades socioespaciais e sendo parte da neoliberalização perversa. Desse modo, indagamos: como as igrejas evangélicas inserem-se e se apropriam dos instrumentos da digitalização (meio técnico-científico-informacional) para se expandirem?

A metodologia do trabalho inclui levantamento bibliográfico, análise de dados primários, secundários (IBGE) e reflexões sobre a relação entre a digitalização do espaço urbano e a expansão evangélica no Brasil. As informações levantadas nos sites sobre os aplicativos também foram consideradas.

O artigo está dividido em três seções: “Periodização da expansão evangélica no Brasil”, onde é feita uma contextualização desde a introdução do protestantismo no Brasil à expansão evangélica. A segunda seção “Neoliberalismo e modernizações perversas: as igrejas como lócus da vida social urbana” aborda os nexos entre o neoliberalismo e a urbanização no Brasil e como as igrejas evangélicas se tornaram importantes espaços de sociabilidade da vida urbana. A terceira e última seção “Meio técnico-científico-informacional e as estratégias comunicacionais e econômicas do pentecostalismo na era da neoliberalização”, discute as transformações do

¹ São as contribuições que os fiéis fazem para igreja que está para além do que dizemos, podendo ser qualquer valor e em qualquer momento, geralmente são para contribuir em reformas do templo, missões, ações sociais, etc.

espaço geográfico impulsionados pela intensificação da ciência e da técnica, ressaltando a relevância da informação na era da digitalização e hipermodernização. Por fim, tecemos algumas reflexões sobre esse processo de expansão que interfere diretamente na dinâmica socioespacial, reconfigurando práticas sociais e econômicas.

Periodização da expansão evangélica no Brasil

O processo de formação da identidade religiosa no Brasil remonta ao período colonial, quando os colonizadores portugueses estabeleceram o catolicismo como religião oficial do país (Alencar, 2012). Embora tenha desempenhado predominância e influência na sociedade brasileira por muitos séculos, moldando práticas sociais e culturais, ela não foi a única religião a buscar tal posição. Desde os primeiros anos do processo de colonização, o protestantismo também tentou se firmar, introduzido por missionários estrangeiros (Mafra, 2001).

Conforme apontado por Gertz (2001, p. 9), é datada “a presença dos primeiros protestantes no Brasil a partir de 1555, com as invasões francesas. No século XVII retornaram com os holandeses, mas nenhuma dessas duas vindas deixou marcas significativas”. O primeiro grupo protestante a entrar de forma expressiva e se estabelecer definitivamente no Brasil foram os luteranos, nos anos de 1819, em específico a partir de 1824 (Idem, 2001).

As interações entre protestantes e católicos, nesse período, foram marcadas por tensões, influenciadas diretamente pelas relações de poder e pelos interesses políticos. Mafra (2001) ressalta como esses fatores moldavam dinâmicas entre esses dois grupos religiosos, delineando as condições de convivência e conflito. Além das tensões inerentes às relações entre esses grupos, os protestantes eram confrontados com a limitação de suas práticas religiosas.

Diferentes eventos históricos contribuíram para a diversidade religiosa que se tem atualmente, mesmo que marcada por conflitos. Matos (2011) vai destacar que com a independência do Brasil, em 1822, vieram novos imigrantes europeus, alguns deles protestantes. Segundo o autor, a “Constituição Imperial, promulgada em 1824, concedeu-lhes certa liberdade de culto, ao mesmo tempo, em que confirmou o catolicismo como religião oficial” (Idem, 2011, p. 6).

A transição para a República, em 1889, marcou outro momento crucial na história do Brasil. Com a mudança no sistema de governo, surgiram princípios de laicidade que promoveram a liberdade religiosa e favoreceram o aparecimento e a expansão de novos

movimentos religiosos. A Constituição de 1988 foi um ponto importante na história do Brasil, além de consolidar os princípios democráticos, garantiu liberdades individuais e religiosas de forma mais ampla, refletindo a diversidade e a complexidade do território brasileiro. Progressivamente, estabeleceram-se limites na relação Estado e Religião através da “desregulação jurídico-estatal da vida religiosa, a diminuição dos controles legais e governamentais sobre as confissões religiosas, [...] a liberalização geral da economia das crenças religiosas” (Pierucci, 2008, p. 13), o que conformou no contexto ideal para o crescimento pentecostal.

O pentecostalismo é um movimento religioso que nasce a partir do protestantismo e teve seu início em 1906, na cidade de Los Angeles, nos EUA, em um bairro composto por população majoritariamente negra e em um contexto de intensa migração rural-urbana, além da chegada de imigrantes europeus economicamente desfavorecidos, resultando em uma densa população urbana. Mesmo que o pentecostalismo tenha passado por diversas transformações ao longo do tempo, ainda assim permanece sendo uma religiosidade dos oprimidos, não se tratando apenas “de um modelo de religião qualquer dos dominados, mas sim de um modelo em sintonia com as formas mais atuais de exclusão causadas pelo desenvolvimento do capitalismo” (Bricalli, 2022, p. 6).

A expansão pentecostal pode ser observada em vários países periféricos do Sul do Pacífico, da África, do Leste e do Sudeste da Ásia, com destaque significativo para a América Latina, especialmente o Brasil, como ressaltado por Mariano (2014).

No desenvolver da trajetória pentecostal e especialmente a partir das análises de tal fenômeno no território brasileiro, foram designadas algumas classificações/categorizações a partir de um corte histórico-institucional e de ênfase em determinadas práticas e experiências da religiosidade. Destacam-se Freston (1993) e Mariano (2014), que classificam o pentecostalismo em primeira onda ou clássico, marcado pela instalação das igrejas Congregação Cristã do Brasil, em São Paulo, no ano de 1910 e Assembleia de Deus, no Pará, em 1911, momento do pentecostalismo marcado pela ênfase em dons espirituais, como a glossolalia (dom de falar em línguas estranhas). Os adeptos destas igrejas eram formados, majoritariamente, por estratos sociais mais pobres e de baixa escolaridade.

A segunda onda do movimento pentecostal abrange os períodos entre 1950 e 1960 e foi iniciada pela Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular, em São Paulo. Essa fase foi

marcada pelo pentecostalismo de cura e exorcismo. A chegada da Igreja apresentou inovações com o uso dos meios de comunicação em massa, servindo-se do rádio como ferramenta para realizar cultos e pregações, o que permitiu ainda mais a expansão do movimento pentecostal. Foi um período marcado pela modernização do território através dos processos de industrialização, êxodo rural e urbanização. Surgiram outras denominações como a Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), Igreja Casa da Bênção (1964), dentre outras.

A terceira onda, também conhecida como neopentecostalismo (Mariano, 2014), é destacada a partir da fundação da Igreja Universal Reino de Deus (IURD), em 1977, e a Igreja Internacional da Graça de Deus, em 1980. Ambas as igrejas nascidas na cidade do Rio de Janeiro possuem ênfase a rituais exorcistas e base teológica pautada na Teologia da Prosperidade, esta que reorientou o pentecostalismo, visto que a riqueza e a prosperidade material são sinais da bênção divina e, portanto, devem ser buscadas pelos cristãos. Com a intensificação de densidades técnicas no território, aprofundaram-se ainda mais as desigualdades socioespaciais. Foi neste período em que ocorreu a expressiva e acelerada expansão pentecostal.

Desde o final do século XX, a população brasileira tem, de forma progressiva, experienciado a mudança da escolha religiosa. Conforme apontado na Tabela 01, o catolicismo apresenta grande declínio em consonância com a ascensão evangélica, fortemente materializado no espaço geográfico. Entre 1991 e 2010, a confessionalidade católica alcançou uma queda de 18,34%, enquanto os evangélicos cresceram 13,18%. Este crescimento está amplamente associado à expansão pentecostal que, na década de 1990, representava 5,57% da população brasileira e, em 2010, 13,30%, evidenciando um expressivo crescimento.

Tabela 01 – Confessionalidade brasileira

ANO	CATÓLICOS	EVANGÉLICOS	PENTECOSTAIS
1991	82,97%	8,98%	5,57%
2000	73,57%	15,41%	10,58%
2010	64,63%	22,16%	13,30%

Fonte: IBGE 1991, 2000 e 2010; organização dos autores, 2024.

Tal crescimento ocorre em conjunto com o fenômeno da urbanização, com destaque para a década de 1990. Conforme o censo demográfico de 2010, 22,16%, isto é, 42 milhões da

população brasileira é evangélica, sendo 22 milhões pentecostais (Tabela 1). Silva (2023, p. 4) afirma que “há uma enorme capilaridade das igrejas no território”, que crescem de maneira orgânica e conforme o processo de urbanização e modernização do território brasileiro. Não à toa, expandem-se para áreas altamente urbanizadas, com destaque para as periferias urbanas, como em áreas capturadas pelo agronegócio.

A presença dessa religiosidade é destacada, principalmente, nas periferias das cidades, onde há pouca efetividade das políticas públicas, escassez de infraestrutura urbana e apagamento dos espaços públicos enquanto lugares de sociabilidade. Mas há um significativo crescimento em áreas de expansão da fronteira agrícola, com forte processo de modernização, que materializa a globalização no espaço geográfico. Nesse sentido, quando há o processo de urbanização, isto é, a incorporação da modernização em determinada área, tem-se o declínio das religiosidades tradicionais, tal como o catolicismo, e, conseqüentemente, a ascensão de novas religiosidades, mais modernas, conforme a lógica capitalista (Kimmemgs, 2024).

Dentre os estados brasileiros com maior número de instalações evangélicas, destacam-se o Espírito Santo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Rondônia e São Paulo, posto que apresenta mais de 60 igrejas por 100 mil habitantes (Araújo, 2023). O Espírito Santo e o Rio de Janeiro possuem ainda maior destaque, com mais de 80 igrejas por 100 mil habitantes, sendo as pentecostais hegemônicas.

As igrejas evangélicas pentecostais podem ser compreendidas como rígidas, descentralizadas e flexíveis (Machado, 1994), isto é, são rígidas no que diz respeito às instâncias de poder da estrutura pentecostal hierárquica. A descentralização e a flexibilidade estão vinculadas à expansão das igrejas. Em linhas gerais, tais igrejas são rígidas, mas também descentralizadas e flexíveis, uma lógica hierárquica diferente em relação ao protestantismo histórico e da Igreja Católica que possibilita a proliferação e materialização da mensagem religiosa.

As igrejas possuem estratégias inerentes ao espaço. Assim, estabelecem uma territorialidade informal e fugaz, ou seja, “o território e a territorialidade pentecostal são estabelecidos momentaneamente com mobilidade e transitoriedade que permitem acompanhar o movimento estabelecido pela sociedade contemporânea” (Machado, 1994, p. 161). Portanto, o estabelecimento das relações de poder e o controle territorial por parte das igrejas é materializado na pulverização de templos no espaço geográfico.

Neoliberalismo e modernizações perversas: as igrejas como lócus da vida social urbana

A urbanização brasileira pode ser compreendida como um intenso processo que, mesmo generalizada, resultou no desenvolvimento geográfico desigual e na urbanização completa da sociedade (Lefebvre, 2002). Desse modo, tem-se nesse processo uma crescente associação com a pobreza, posto que, a cidade, como criadora da pobreza, torna-se *lócus* desta.

A cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora da pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico, de que é o suporte, como por sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias (e dos cortiços) pessoas ainda mais pobres. A pobreza não é apenas o fato do modelo socioeconômico vigente, mas, também, do modelo espacial (Santos, 2009).

O espaço urbano brasileiro é atravessado por múltiplas metamorfoses, com novas regulações favoráveis ao poder global, conduzidas pelo Estado neoliberal que renuncia a regulamentação da própria economia em prol dos mercados capitalistas. Segundo Sassen (2007), significa a privatização das normas, nos levando à reflexão de como o processo de financeirização expande-se através da camada digital adicionada ao espaço geográfico. Tais mudanças são concretizadas nas formas, como as transformações dos lugares de sociabilidade em templos de igrejas evangélicas, shoppings, redes varejistas e farmácias. Trata-se do encolhimento do espaço público, isto é, “a cidade dá lugar ao mercado e às religiões fortemente sustentadas nos princípios neoliberais” (Silva, 2023, p. 3).

Nesse sentido, podemos pensar nos nexos entre as transformações urbanas, mudanças nas sociabilidades e aprofundamento da neoliberalização em todas as esferas. As políticas públicas destinadas ao fomento do espaço público são cada vez mais minadas (Silva, 2023). Concomitante, a cidade é transformada em mercadoria e, portanto, acessada para o consumo, resultando em uma cidadania mutilada (Santos, 2024 [1987]).

O movimento pentecostal, principalmente os pentecostalismos mais afeitos à Teologia da Prosperidade, que tem forte adesão pelas igrejas de terceira onda, expressa-se juntamente com as mudanças socioespaciais, tendo na intensificação da urbanização um elemento-chave de sua evolução, pois, conforme destacado por Silva (2022), a medida que ocorre o processo de urbanização, há intensificação da presença das igrejas evangélicas. Dessa forma, o pentecostalismo mostra-se essencialmente urbano (Machado, 1994), além de ser resultado e resultante da racionalidade neoliberal.

O neoliberalismo pode ser compreendido por diversos autores. Para Harvey (2008), na década de 1970, os agentes hegemônicos capitalistas buscavam a reestruturação do poder de classe a partir de um conjunto de políticas econômicas estabelecidas pelas ideologias de mercado. Estas políticas, através dos Estados e outros agentes hegemônicos, são impostas à sociedade de tal forma que resultaram em mudanças na relação capital-trabalho, na desregulamentação de leis trabalhistas, flexibilização do mercado, privatizações, desemprego, precarização, terceirização, em suma, desmonte dos direitos sociais em conjunto com a criminalização da pobreza. Segundo Harvey (2005), são novas normas de condutas caracterizadas como pragmáticas e alienantes.

Mas, para além de uma ideologia de mercado, o neoliberalismo é a *nova razão do mundo* (Dardot e Laval, 2016), capaz de conduzir a sociedade através da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação, isto é, o modelo empresarial instituído em todas as esferas da reprodução social sob a lógica do mercado. Para os autores, não se trata da reestruturação do poder de classe, mas uma governamentalidade (Foucault, 2008), ou seja, um modo de se conduzir a sociedade de tal modo que governem a si mesmos. Assim, antes de uma ideologia ou uma política econômica, o neoliberalismo é uma racionalidade, sendo a razão do capitalismo contemporâneo.

A religião, enquanto legitimadora da ordem social, nos leva a pensar o pentecostalismo como parte do dispositivo urbano neoliberal (Bricalli, 2022). O conceito de dispositivo pode ser compreendido como uma rede articulada de instituições, leis, discursos, teologias, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, dentre outros elementos heterogêneos, objetivados ao governo dos sujeitos, das relações e das coisas. Para Foucault (2008, p. 244), pode-se compreender o “dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante”.

Portanto, é possível analisar as igrejas pentecostais e suas estratégias como parte de um dispositivo urbano neoliberal que, articulada com outros agentes, constitui a formação de sujeitos empreendedores em todas as esferas da vida. Trata-se de um sujeito neoliberal “criativo, performático e “livre”, sendo governado pela busca constante da máxima performance, do autodesenvolvimento, do autoaperfeiçoamento” (Bricalli, 2022, p. 9), em constante competição com outros sujeitos neoliberais.

Além do estímulo ao empreendedorismo profissional, estabelece, alinhada ao espírito neoliberal, outras subjetivações, tais como a relação de oferta da fé e investimento pessoal através das doações financeiras, o individualismo e a meritocracia, racionalidade empreendedora, e o estabelecimento da relação entre sucesso e fracasso através dos discursos, direcionando as necessidades e transformações sociais ao indivíduo.

A exemplo, podemos citar a cidade do Rio de Janeiro que passou por transformações urbanas embasadas pelo neoliberalismo para os eventos esportivos (Mascarenhas, 2012), como a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas no ano de 2016. Um aspecto marcante foi a militarização da cidade através do Programa de Pacificação de Favelas, que envolveu as Forças Armadas e a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Este programa visava retomar o controle de áreas anteriormente dominadas por facções criminosas, utilizando estratégias que incluíram não apenas a presença militar, mas também a legitimação por meio de iniciativas empreendedoras, eventos religiosos (Bricalli, 2022). As igrejas evangélicas foram fundamentais, desempenhando papel significativo, sendo vistas como fontes de legitimidade moral para as operações militares, como evidenciado na ocupação do Complexo do Alemão e do Morro do Turano. O envolvimento da Igreja Assembleia de Deus no Morro do Turano procedeu como uma parceria informal.

A parceria foi simbolizada no evento em comemoração ao primeiro aniversário da instalação da UPP no Morro do Turano com a participação de alguns membros da igreja e do seu coral. Em uma das falas, um líder da igreja afirmou que “o trabalho da Assembleia de Deus encontrou um aliado, a UPP” (MACHADO, 2017, p. 9, tradução nossa). No evento, realizado na presença do comandante da UPP, do secretário de Segurança do Estado do Rio e de diversas figuras públicas, a igreja Assembleia de Deus ocupou parte da cerimônia oficial com um pequeno serviço: música tocada pelo coro da igreja, participação de cantores, palestras de seus pregadores e o depoimento de uma “ex-viciada em drogas”, enviada pelos agentes da UPP à igreja, onde foi recuperada (Bricalli, 2022, p. 14).

As igrejas evangélicas surgem como atores influentes na vida urbana, especialmente no contexto de ascensão da racionalidade neoliberal, não apenas se adaptam a essa lógica, mas também colaboram ativamente na manutenção das estratégias de controle social e legitimação, como evidenciado em iniciativas de pacificação nas favelas do Rio de Janeiro. Essas dinâmicas reforçam as transformações urbanas orientadas pelo mercado e pela competição global, característica do neoliberalismo. Assim, essas instituições religiosas não são apenas espaços de expressão espiritual, mas também agentes modeladores do espaço urbano e das relações sociais nas cidades, muitas vezes atuando juntos aos outros agentes apontados por Corrêa (2002).

Meio técnico-científico-hiperinformativo e as estratégias comunicacionais e econômicas do pentecostalismo na era da neoliberalização

Ao nos referirmos à digitalização do espaço geográfico, estamos falando do meio técnico-científico-informativo, que se diferencia dos anteriores pela intensificação da ciência e da técnica (Santos, 2020). Esse meio geográfico é composto por sistemas naturais e artificiais, que, juntos, formam uma rede complexa de interações (Idem, 2020). A união entre técnica e ciência é amparada pelo mercado, que impulsiona o desenvolvimento tecnológico e a transformação do espaço geográfico.

Nos últimos vinte anos, a informação tem se tornado um elemento essencial para o funcionamento tanto do mundo quanto da sociedade, que é cada vez mais urbana. Esse período é denominado como técnico-científico-hiperinformativo, uma designação que destaca a importância crescente da informação e redefine seu papel nos tempos atuais. Trata-se do “meio geográfico da era da digitalização, expressão concreta da hipermodernização, engendrado para garantir a eficácia da acumulação do capital” (Silva, 2022, p. 33).

A religiosidade pentecostal possui mecanismos de poder que, atrelados ao mercado, atendem aos seus interesses. O avanço das técnicas de informação ocorrido principalmente a partir da década de 1970 – o período técnico-científico-informativo – são carregadas de intencionalidades dos agentes hegemônicos pela busca incessante por lucro e dominação. O conteúdo informativo, então, “é vetor fundamental do processo social e os territórios são desse modo, equipados para facilitar a sua circulação” (Santos, 2020, p. 160), além de conduzir as ações das sociedades, conduzindo o que se deve fazer, pensar, consumir, dizer e em quem se deve ou não votar. Trata-se da racionalização do território acompanhado do comando de uma psicosfera.

A psicosfera compõe o sistema de ações, que faz parte do sistema de crenças, desejos, vontades e hábitos, e é indissociável da tecnosfera, ou seja, dos sistemas de objetos (Santos, 1997). O espaço, concebido como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e acionados com intencionalidade, redefine os objetos técnicos ao incluí-los em um conjunto coerente, onde a contiguidade exige a ação conjunta e solidária (Santos, 2020). O meio técnico-científico-informativo foi um dos possibilitadores da expansão da religiosidade pentecostal, visto que, associado à Teologia da Prosperidade, fomentou um grande e competitivo mercado

religioso junto a um conservadorismo de pautas morais e incentivo ao empreendedorismo e ao consumo exacerbado, isto é, uma racionalidade neoliberal.

Com o estabelecimento do período técnico-científico-informacional, as igrejas, que já utilizavam os meios de comunicação em massa, adotam outras estratégias expansionistas e empresariais. Segundo Silva (2023, p. 213), “a digitalização gerou um novo conjunto de técnicas ligado à criação de uma camada numérica de mediação das relações cotidianas”. As igrejas evangélicas também passaram por transformações evidentes, pois muitas dessas instituições religiosas têm adotado ferramentas tecnológicas para expandirem sua influência e engajar-se com seus membros. Plataformas online são utilizadas para a transmissão de cultos, evangelização, e gestão das comunidades religiosas, realização de pagamento de dízimos e ofertas, demonstrando como a digitalização está transformando relações religiosas.

Nesse contexto, o espaço torna-se indissociável do conteúdo de racionalidade, pois envolve escolhas intencionais de objetos e sua localização funcional, isto é, evidencia-se a inseparabilidade da tecnosfera e da psicosfera. Essa materialização do espaço propicia a materialização da vida social, alinhada aos interesses hegemônicos. Simultaneamente, cria condições para o maior lucro possível para os mais poderosos e, paradoxalmente, para a maior alienação possível de todos. É a globalização em sua forma perversa (Santos, 1997).

Uma dessas ferramentas tecnológicas adotadas pelas igrejas é InChurch, uma startup² que pertence à holding Inradar Group³, empresa de tecnologias inovadoras, que busca engajar públicos com afinidades em comum. A holding é composta por mais três startups: Inradar Networking, tecnologia que possibilita um Guia Inteligente que reúne empresas, serviços, cupons de desconto, currículos, dentre outros, com base nos grupos de afinidade do usuário; Involvement ONG's, plataforma voltada para atender Organizações Não Governamentais, facilitando processos financeiros, captação e gestão de colaboradores, aplicação e captação de voluntários, através do desenvolvimento de aplicativos e sites onde é possível compartilhar informações, realizar transmissões, realizar eventos e receber doações; Involvement Corporate, plataforma de engajamento para empresas e redes de franquia que oferece inscrições em

² Startup é um modelo de negócios repetível e escalável, para atuar de forma incerta e altamente competitiva. Assim, diferente de uma empresa tradicional, se adapta rapidamente às demandas do mercado através da inovação. Disponível em: [O que é uma startup e o que ela faz? - Sebrae](#). Acesso em 17 de jun. 2024.

³ Disponível em: <https://group.inradar.com.br/#home>. Acesso em 19 de jun. 2024.

eventos, controle de acesso, web TV para transmissões, integração com as redes sociais, mecanismos de e-commerce, dentre outros.

A inChurch é uma plataforma de engajamento e gestão para igrejas da América Latina. Fundada em 2017 por Pedro Franco e Sydney de Menezes, publicitários e adeptos da Igreja Sara Nossa Terra, produzem aplicativos, sites e totens de autoatendimento. Segundo seus fundadores, a atenção para o mercado religioso ganhou maior proporção quando, em 2017, consolidou-se a inserção dos smartphones na população. Assim, perceberam que a digitalização das igrejas possibilitaria maior aproximação das instituições com os adeptos, melhor planejamento e gestão. De forma resumida, os adeptos conseguem ter acesso ao aplicativo da instituição que frequentam através da loja de aplicativos do seu smartphone, acessando notificações, sugestões de leituras, podcasts, vídeos, cultos online, pagamento de dízimos e até mesmo um bate-papo com pastor ou com inteligência artificial. Conforme afirmou Sydney de Menezes em entrevista para a IstoÉ⁴, “a igreja se torna híbrida. O que acontece no presencial, no momento que as pessoas estão reunidas, pode ser potencializado por um ambiente digital. Isso faz as pessoas participarem mais”.

A empresa alcançou expressivo crescimento em 2020⁵, momento em que o Brasil e o mundo vivenciava a pandemia de COVID-19. Neste ano, a startup alcançou o aumento de 115% em relação aos seus clientes e recebeu um investimento financeiro de cinco milhões de reais, liderado, principalmente, pela Smart Money Ventures, empresa de capital de risco investidora em startups em estágio inicial, concentrada em plataformas de educação (EdTech), recursos humanos (HRTech), finanças (FinTech), vendas, marketing e software (SaaS) para clientes corporativos (B2B). A smart money⁶, fundada em 2014 por Fábio Póvoa e Cesar Bertini, investe em empresas que possuem potencial de crescimento global. A Eduzz, plataforma brasileira de venda de produtos digitais voltados para educação, também investiu na startup. Para além desses investimentos, a InChurch possui como investidor-anjo⁷ Pedro Moll, diretor da Rede

⁴ Disponível em: [Igreja 4.0: com fé na inovação, startup de religião busca escalar globalmente - ISTOÉ DINHEIRO](#). Acesso em 17 de jun. 2024.

⁵ Disponível em: [Digitalização de igrejas é aposta da startup inChurch - 21/12/2021 - Mercado - Folha](#). Acesso em 17 de jun. 2024.

⁶ O termo, que em tradução livre significa “dinheiro inteligente”, refere-se a investimentos para além do capital, incluindo tempo, experiência, rede de contatos, engajamento e conhecimento prático.

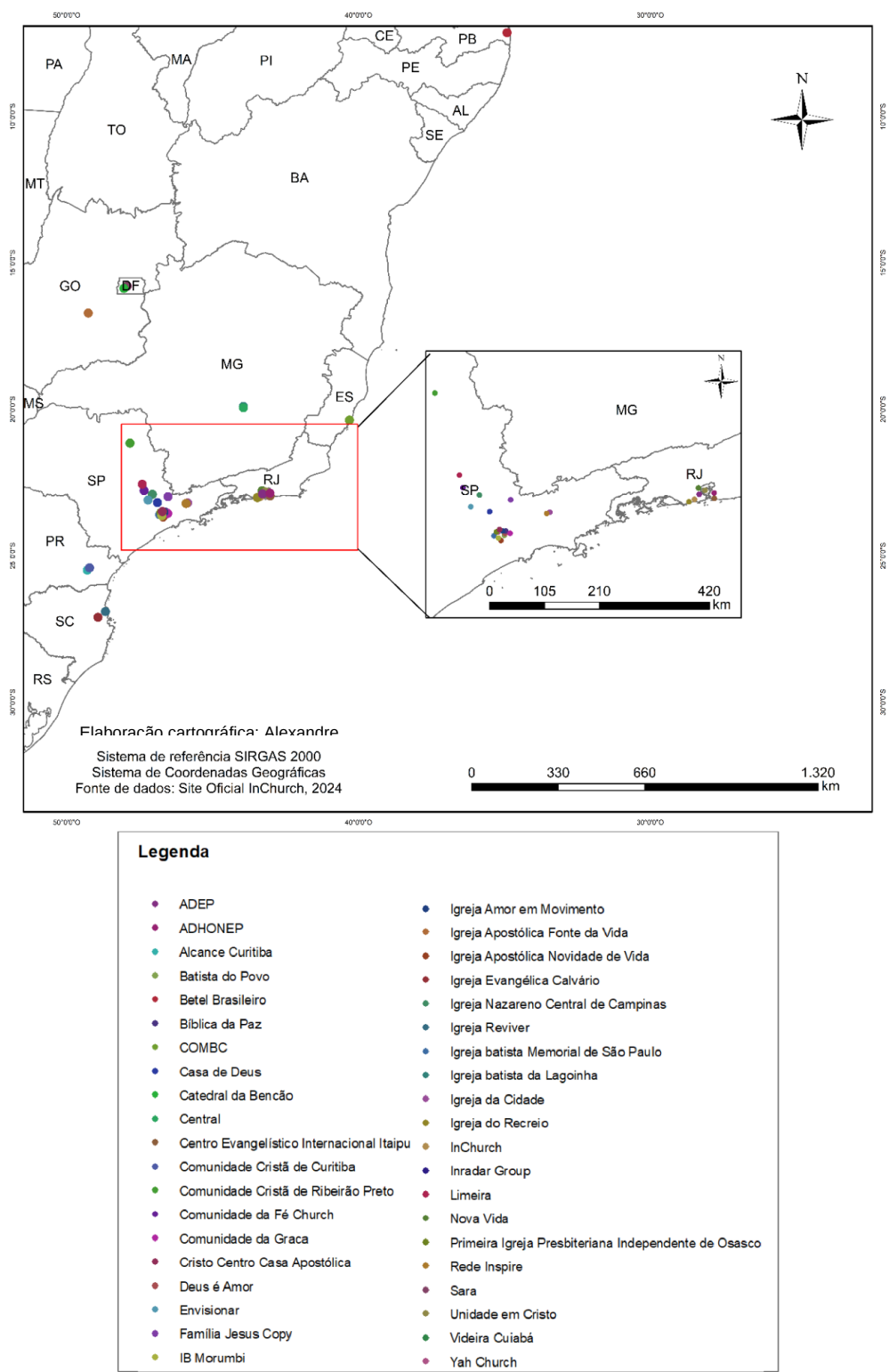
⁷ Refere-se a um indivíduo ou grupo que investe capital próprio em empresas nascentes com alto potencial de crescimento, como as startups. Disponível em: <https://startups.com.br/investimento-anjo/>. Acesso em 19 de jun. 2024.

D'Or, que, em 2018, iniciou os investimentos com cerca de três milhões de reais. Cabe destacar que todos os investidores mencionados declaram-se evangélicos.

Atualmente, a startup atende mais de 45 mil denominações, em sua maioria evangélicas, e atua em cerca de 23 países, possuindo, em média, 700 mil usuários cadastrados. Para além da sua sede nacional, localizada no Rio de Janeiro, em 2022 estabeleceu o primeiro escritório internacional localizado em Orlando, nos EUA, através da UninChurch, plataforma de ensino que oferece capacitação por meio de cursos, mentorias, programas e treinamentos de comunicação, gestão, liderança e tecnologia para os colaboradores e voluntários.

No território brasileiro, a plataforma é utilizada de forma abrangente por diversas denominações, que possuem sedes nacionais concentradas, principalmente, em São Paulo e no Rio de Janeiro (Figura 1), centros de comando do território. Estas igrejas possuem forte capilaridade que, através das matrizes, estabelecem uma rede técnica consolidada.

Figura 1 - Localização das sedes das igrejas evangélicas que utilizam a InChurch



A plataforma de ensino religioso oferece os seguintes cursos: comunicação estratégica; planejamento, visa conduzir o processo de gestão das instituições religiosas; criação de

conteúdo textual para Igrejas; HTML/CSS para páginas Multiuso, curso de programação que oferece ferramentas para a criação de páginas Web; OBS Studio básico, que visa desenvolver as transmissões; curso básico de Canva, voltado para elaboração de projetos visuais; liderando a equipe de comunicação, que desenvolve habilidades e métodos de liderança; e o Google AdGrants para igrejas, destinado para que lucrem através da plataforma de anúncios da Google⁸.

A UninChurch possui como diretor Javier Casademunt, que também atua como diretor e professor da ESADE Business School, uma escola de negócios com sede na Espanha. Formado em administração de empresas e especializado em marketing e gestão comercial, comércio exterior e economia internacional, além de estar cursando neurociência, ministra programas de formação executiva para empresas como L'Oreal, PwC, Marclays, Mercedes-Benz.

Dentro deste competitivo mercado religioso, as grandes denominações, como a IURD, competem pela hegemonia da digitalização das igrejas evangélicas. A Igreja possui seu próprio aplicativo, que possui funcionalidades semelhantes a InChurch. A grande disponibilidade de consumo apresentada pelas igrejas pentecostais, que concorrem entre si, seja em relação ao número de adeptos, às disputas territoriais ou mesmo empresariais, faz com que o adepto-consumidor tenha à sua disposição um “cardápio simbólico” (Campos, 2004, p. 163). Assim, tais igrejas investem no marketing, na produção dos objetos simbólicos e na digitalização de suas práticas como mediadores do sagrado, inserindo-se ainda mais no controle do território através da lógica do mercado.

A flexibilização do mercado de trabalho sob a ótica do neoliberalismo acirrou ainda mais a competitividade dos lugares e intensificou a precarização. A formação socioespacial brasileira, em conjunto com “a herança colonial e as modernizações a serviço do capital, implicaram na formação da precarização crônica, aprofundada com a neoliberalização” (Silva, 2023, p. 376). A precarização, como parte do processo de urbanização e modernização, compõem os sistemas de hiperexploração, necessário para que tais processos possam se realizar. Como parte desse contexto, está a uberização do trabalho e da vida urbana. Dentre o aprofundamento da precarização do trabalho, destaca-se a economia digital das empresas de

⁸ Disponível em: <https://uninchurch.com.br/>. Acesso em 19 de jun. 2024.

aplicativo que alteram também as relações no espaço urbano, como na habitação, no transporte e na organização das cidades, evidenciando novas tendências de modernizações perversas.

Em conjunto, os discursos contra as políticas sociais foram amplamente fortalecidos, aprofundando a hiperexploração e a precarização. Uma dimensão desse processo pode ser observada por meio da expansão das igrejas evangélicas, visto que ocupam as cidades, produzem política e uma psicosfera, alinhados com o neoliberalismo e, “ao mesmo tempo, tornam-se catalisadoras da vida coletiva na cidade, caracterizada pela cidadania mutilada” (Silva, 2023, p. 379).

A modernização do território e a constituição do meio técnico-científico-informacional retratam a potência dos objetos geográficos cada vez mais carregados de técnica e informação, introduzindo novos comportamentos políticos, econômicos e culturais. A unicidade da técnica “permitiu o diálogo dos objetos técnicos e a interação dos lugares e territórios” (Machado e Abreu, 2020, p. 5), impulsionados pelo processo industrial e atualmente orientados pelas demandas da globalização, pela urbanização. As igrejas pentecostais possuem papel importante no processo de urbanização, pois atuam de forma assistencial e criam redes de sociabilidades urbanas. Para tal, utilizam das mais diversas estratégias, tornando-se “orientadoras das formas de pensar, de viver a cidade, de atuar politicamente, e lançam mão de discursos conservadores, cujo elemento central é a ativação dos dispositivos emocionais e afetivos” (Silva, 2022, p. 51).

A plataforma InChurch expande a atuação das igrejas e contribuem para a produção de uma psicosfera, em consonância com a racionalidade neoliberal, através da oferta de serviços espirituais. Mas, para além disso, as igrejas em processo de digitalização atuam também nos circuitos da economia urbana, seja mediante serviços religiosos, ou mesmo sua estruturação em redes com instituições de ensino, meios de comunicação em massa, editoras, livrarias, dentre outras. São, portanto, consideradas agentes da economia urbana e do território (Silva, 2023).

Além de geradoras de economia, as igrejas evangélicas constroem também espaços de sociabilidade coletiva que, face à cidadania mutilada, são apropriadas. Se tornam fixos, estruturados em redes, do poder político, econômico e cultural, com destaque para as periferias metropolitanas, as cidades médias e pequenas.

As igrejas evangélicas garantem à população atividades econômicas e sociabilidades não atendidas pelo Estado neoliberal. A neoliberalização do espaço urbano, geradora de medos, de hiperexploração do trabalho e do consumismo exacerbado, produz uma visão de mundo em

que os indivíduos naturalizam a racionalidade neoliberal, não sendo questionadores das desigualdades e responsáveis pelo alcance do sucesso ou do fracasso. As igrejas são, portanto, parte deste processo, pois compõem circuitos econômicos e criam espaços de sociabilidade e de assistencialismo aos problemas cotidianos e sociais.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo compreender os nexos da expansão pentecostal a partir da digitalização neoliberal do espaço urbano, em um contexto de neoliberalização generalizada. Tendo como questão norteadora: como as igrejas evangélicas inserem-se e se apropriam dos instrumentos da digitalização (meio técnico-científico-informacional) para se expandirem? Sendo assim, apontamos três reflexões a respeito da digitalização do espaço geográfico a partir da atuação das igrejas evangélicas:

1. O processo de formação da identidade religiosa no Brasil é marcado por uma transição significativa do catolicismo para um crescimento expressivo das igrejas evangélicas. Esse fenômeno reflete não apenas mudanças na confessionalidade brasileira, mas também uma adaptação das práticas religiosas, em específico as evangélicas, em se adaptarem às dinâmicas modernas e urbanas do território, consolidando o movimento pentecostal como uma força religiosa crescente e influente.

2. As igrejas evangélicas desempenham um papel crucial na urbanização brasileira, especialmente no contexto neoliberal. A digitalização, facilitada por plataformas como InChurch, expande a influência dessas igrejas, transformando-as em espaços de sociabilidade e agentes econômicos. Nesse cenário, essas instituições religiosas não apenas respondem às necessidades espirituais, mas também participam ativamente da estrutura socioeconômica urbana, contribuindo para a consolidação da lógica neoliberal e da cidadania mutilada.

3. Observa-se que, ao utilizarem plataformas digitais como a inChurch, essas igrejas não apenas aumentam sua presença e influência no território, mas também moldam as dinâmicas territoriais e reconfiguram práticas sociais e econômicas. Por fim, acrescentamos as igrejas como agentes modeladores do espaço urbano neoliberal.

Consideramos, portanto, que a ascensão e expansão pentecostal estão alinhadas à nova razão do mundo, isto é, ao neoliberalismo, visto que não só recorre às condições materiais de hiperprecarização engendradas pela neoliberalização do território como também aproveita-se

do meio técnico-científico-hiperinformativo para se disseminar. Distante de alcançarmos uma conclusão, destacamos a necessidade de mais análises sobre a temática, principalmente a partir de uma perspectiva crítica dentro da ciência geográfica.

3. REFERÊNCIAS

-
- ALENCAR, G. F. **Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia**. 1911-2011. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ARAÚJO, V. Surgimento, trajetória e expansão das Igrejas Evangélicas no território brasileiro ao longo do último século (1920-2019). **Centro de Estudos da Metrópole**. NT 20, 2023.
- BRICALLI, I. L. Os evangélicos e o dispositivo urbano neoliberal: governando as populações e os territórios urbanos periféricos. **Geografares**, n. 34, 2022. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/geografares/3772>>. Acesso em: 17/06/2024.
- CAMPOS, L. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. **Revista USP**, São Paulo, n.61, p. 146-163, 2004.
- CORRÊA, R. L. O Espaço Urbano. São Paulo: Ática, 2002.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FRESTON, P. Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. Tese de Doutorado - **Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas**. São Paulo, 1993.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2008.
- GERTZ, R. **Os luteranos no Brasil**. Revista de História Regional, nº 6, 2, 2001, p. 9-33.
- HARVEY, D. **O novo imperialismo**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- HARVEY, D. **Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Loyola, 2008.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>.
- KIMMEMGS, P. C. Evangélicos e meio técnico-científico-informativo no Brasil: um estudo a partir da Igreja Batista da Lagoinha. 2024. 133 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - **Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2024.
- LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MACHADO, M. S. A Territorialidade Pentecostal: um estudo de caso em Niterói. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 56 1/4, n.n.1/4, p. 135-164, 1994.

MACHADO, M. S; DE ABREU, G. L. X. A condição evangélica da Globalização e a estratégia político-espacial da universal do reino de Deus. **GeoUERJ**, n. 37, p. 56895, 2020.

MAFRA, C. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARIANO, R. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo No Brasil**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MASCARENHAS, G. Produzindo a Cidade Olímpica: neoliberalismo e governança no Rio de Janeiro. In: PACHECO, S. M.; MACHADO, M. S. (orgs.). **Globalização, políticas públicas e reestruturação territorial**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

MATOS, A. S.. Breve História do Protestantismo no Brasil. *Revista de Teologia da Faculdade FAIFA*, v. 3, n. 1, 2011.

PIERUCCI, A. F. De olho na modernidade religiosa. **Tempo social**, v. 20, p. 9-16, 2008.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, 1977.

SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico científico informacional**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. A questão do meio ambiente: desafios para a construção de uma perspectiva transdisciplinar. **GeoTextos**, vol. 1, n. 1, p. 139-151, 2005.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5.ed., 2. reimp. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 10. reimp. São Paulo: Edusp, 2020 [1. ed. 1996].

SANTOS, M. **O Espaço do Cidadão**. 7. ed., 4. reimpr. São Paulo: Edusp, 2024 [1. ed. 1987].

SASSEN, S. Una sociología de la globalización. **Análisis político**, v. 20, n. 61, p. 3-27, 2007.

SILVA, S. C. da. Hipernormatização perversa, neoliberalismo e a expansão das igrejas evangélicas no território brasileiro. In: SILVA, S. C. da; RAMOS, T. T.; Rodrigues, G.. (Org.). **Espaço urbano, pobreza e neoliberalismo**. 1ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2022, v. 1, p. 31-58.

SILVA, S. C. da. Urbanização, neoliberalismo e digitalização em contexto periférico: algumas tendências no início do século XXI. **INFORME GEPEC (ONLINE)**, v. v. 27, p. 207-224, 2023.

SILVA, S. C. da. Espaço urbano, neoliberalismo e igrejas evangélicas: um debate necessário. **BOLETIM CAMPINEIRO DE GEOGRAFIA**, v. 13, p. 369-388, 2023.